

A LOGOARTE PARA O NOVO AGIR

Selma Bajgielman

RESUMO

A Logoarte é um processo arteterapêutico que alia a Logoterapia de Viktor Frankl à terapia artística antroposófica de Rudolf Steiner. A prática artística se envolve na busca essencial do sentido da vida e se coloca a serviço da transformação humana por meio da quebra de padrões. Com tinta, cores, água e papel revelamo-nos e descobrimos novos caminhos.

Palavras-chave: Logoarte, aquarela, transformação

ABSTRACT

The Logo Art is an art therapy process that combines the Logotherapy of Viktor Frankl to anthroposophic art therapy of Rudolf Steiner. The artistic practice engages in essential search for meaning in life and put it at the service of human transformation by breaking standards. With ink, colors, water and paper we reveal ourselves and discovering new ways.

Key-words: Logo Art, aquarelle, transformation

INTRODUÇÃO

Logoarte é um termo cunhado pela terapeuta artística e designer Marianne da Silva Prado (São Paulo, 1959) que denomina um processo terapêutico desenvolvido por ela, tomando como referenciais a Logoterapia de Viktor Frankl (Viena, 1905-1997) e a terapia artística utilizada pela Antroposofia - ciência espiritual do homem, fundada pelo filósofo e educador Rudolf Steiner (Áustria, 1861-1925).

Victor Frankl era judeu e viveu na Alemanha nazista. Foi levado com sua família para um campo de concentração e sobreviveu, mas presenciou a morte de muitos companheiros e familiares. Em seu livro mais conhecido, *Em Busca de Sentido* (1946), Frankl, que era médico psiquiatra e neurologista, relata como tais experiências impulsionaram sua pesquisa e sua prática em Logoterapia.

A Logoterapia estrutura-se em três pilares: A liberdade de e para; a escolha do sentido e os sentidos da vida. Trata-se de um processo terapêutico que, partindo da escuta atenta, localiza as escolhas e a busca de sentidos do indivíduo, acreditando que são determinantes para sua saúde física, psíquica e espiritual. A noção do sentido seria então o principal ponto para o desenvolvimento pleno do homem em seus três corpos: Somático, Psíquico e Noético.

Para Rudolf Steiner, o homem pode ser compreendido em quatro corpos: O corpo Físico, o corpo Etérico (aquele que nos restaura), o corpo Astral (nossa afetividade e emoções) e o Eu.

Seguindo o paralelo apresentado por Marianne na Logoarte: o corpo Somático corresponde aos corpos Físico e Etérico, o corpo Psíquico equivale ao Astral e o Noético ao Eu.

A Antroposofia contempla a pedagogia, a eutímia, a medicina e a agricultura e considera o homem em seus quatro temperamentos que se relacionam constantemente aos ritmos do dia, do ano e da vida. Dentre as práticas antroposóficas que enriquecem os processos educacionais, artísticos e

terapêuticos está a terapia artística que aplica, principalmente, a pintura em aquarela, os desenhos de formas e a modelagem. Tais práticas norteiam a proposta de Marianne na Logoarte. No presente artigo, especificaremos a pintura em aquarela.

Se na Logoterapia de Frankl, a base do trabalho está no discurso do paciente, na Logoarte tal base estará nas pinturas e nos desenhos propostos. O discurso pode ser melhor controlado que o trabalho com tintas, pinceis, lápis de cor e argila. Em ambos os casos, o caminho será identificar os padrões: aspectos repetitivos que apontam para o que necessita ser transformado e perceber os *Lhoock*, ganchos, que aparecem na fala ou na ação do paciente e que podem conduzir à solução do problema ou conflito.

DESENVOLVIMENTO

Logoarte – O Agir

De 2014 a 2016, no espaço Jardim dos Girassóis, em São Lourenço, Minas Gerais, reuniu-se um grupo formado por educadores, terapeutas, médicos e designers para participar do curso ministrado por Marianne. Ela, que divide seu trabalho de formação em Logoarte entre diferentes estados do Brasil e a Finlândia, disponibiliza seu conhecimento de forma generosa e absolutamente despretensiosa. Conduz o grupo como se não o fizesse e nos oferece experiências em um ritmo respeitoso e consciente.

Compreendemos que, antes de se iniciar o trabalho, deve haver um breve momento de acolhimento para indagar o porquê da vinda da pessoa, quais as expectativas que traz, quais são as condições atuais, se gostaria de expor alguma dificuldade ou problema e se faz algum tipo de tratamento. A partir disso, iniciamos.

A primeira etapa é o fazer. A preparação dos materiais, a organização e acomodação de todos e a orientação sobre o que será feito.

No caso da aquarela, o papel próprio para esta técnica é molhado com esponja em ambas as faces, podendo também ser mergulhado. A tinta é preparada

diluída em água e utilizada com pinceis largos. Pano de limpeza e água para as trocas de cores e para acrescentar mais líquido ficam ao alcance.

Para a pintura em aquarela são muitas as opções e vamos relatar algumas:

Primeiramente, as cores que disponibilizaremos são: Amarelo Ouro, Amarelo Limão, Azul da Prússia, Azul Ultramar, Vermelho Carmim e Vermelhão.

Pintura com cores puras:

Por exemplo: Azul da Prússia. Pintar superfícies evitando formas e pinceladas. Após a experiência com o azul, podemos utilizar o Amarelo Limão, perceber a cor, suas qualidades, como nosso corpo reage, sensações provocadas pelo exercício. Ir do mais claro para o mais escuro e vice-versa, perceber como um único abastecimento do pincel na tinta pode render sobre o papel.



Pintura com duas cores:

Iniciar com a primeira cor, e, depois de espalhá-la sobre todo o papel, introduzir a segunda. Continuar com as duas cores. Terminar quando sentir que está concluído. Neste exercício, podemos utilizar os dois tons da mesma cor e, sempre com duas opções, misturar todas as possibilidades.



Pintura com as duplas de tons:

Da mesma forma podemos pintar utilizando os dois amarelos e os dois azuis, dois azuis e os dois vermelhos, dois amarelos e dois vermelhos. Buscando a maior gama de tons e variáveis e as cores secundárias que surgem com seus subtons.



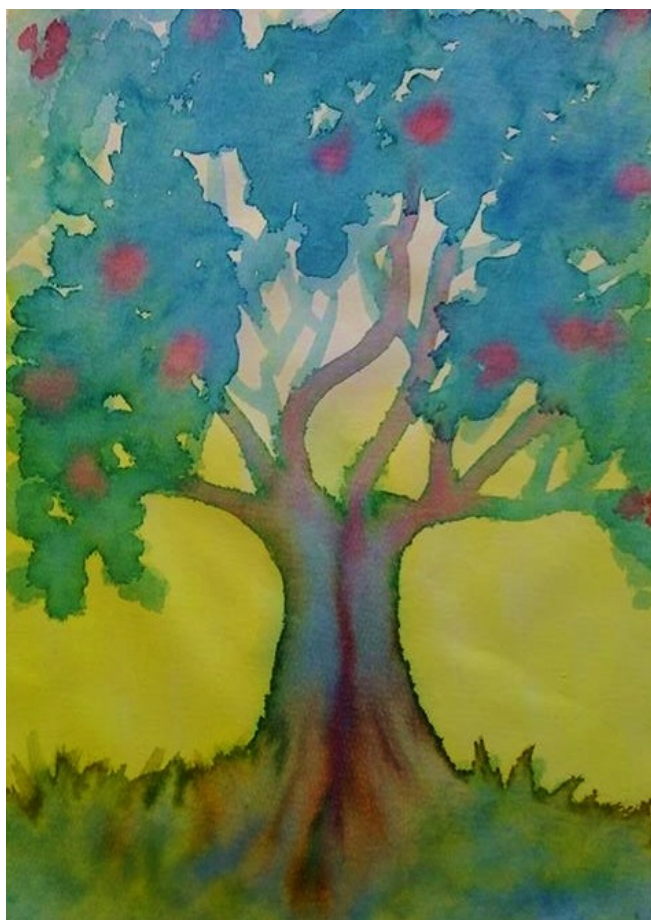
Pintura com o Círculo das Cores:

Aqui as seis opções citadas acima são disponibilizadas concomitantemente. Será necessário identificar a ordem das cores que se avizinham, mas podemos experimentar todas as misturas possíveis.

Com temas propostos

Árvore

Uma sequência inicial a ser proposta é a de duas pinturas livres, disponibilizando o círculo das cores da Logoarte, e a terceira pintura uma árvore livre. Em outro dia, podemos propor a pintura da árvore com orientação: Papel colocado verticalmente, fundo amarelo limão, azul na base. Preparamos ar e terra. Com outro tom, podendo ser vermelho, surge a semente e dela faremos germinar o caule, os galhos pequenos, as folhas, o tronco e, gradativamente, a árvore adulta com folhas e, se for o caso, flores e frutos.



Flor

Preencher todo o papel com o círculo das cores. Ver surgir, das misturas, as folhas, o botão, a flor. Permitir que ela se configure lentamente com o contexto plasmando a imagem que nasce.

Figura Humana

Papel na vertical, pintura do fundo, céu e terra, surge verticalmente o homem e, como a árvore, vai lentamente se constituindo. A pintura se adensa e enriquece gradativamente. Podemos realçar alguns aspectos sobre as relações homem/mundo e mundo/homem. O que é fechado e o que é aberto? Duro e mole, quente e frio, mais ou menos vivo.



Outros temas que podem ser propostos são: Família, maternidade, casa, quatro estações, trabalho, paisagens...

Quem está pintando faz as escolhas, inclusive escolhe o momento em que o trabalho está concluído, mas o terapeuta que conduz o processo pode fazer interferências com sugestões e alertas.

O fazer é então orientado de diferentes formas conforme citamos. Todos iniciam o que foi proposto e, após seis minutos, paramos. Um passo atrás, hora de observar, ler o que estamos fazendo, ver o que os outros estão fazendo, para só depois prosseguir.

A pintura em aquarela só pode ser considerada concluída após a secagem total.

Mas como é feita tal leitura? Observamos fenomenologicamente, considerando o que podemos perceber através dos sentidos. Após a leitura fenomenológica podemos também tecer alguma relações que exemplificaremos adiante.

Logoarte - O Sentir e o Pensar

O Sentir e o Pensar na leitura das pinturas baseiam-se no que podemos ver e constatar fenomenologicamente. Não utilizamos qualquer tipo de julgamento de valor, como bonito ou feio, certo ou errado, bom ou mau. Temos que desconstruir nosso hábito de julgar o que vemos a partir do nosso gosto, cultura e valores e analisar o que de fato há sobre o papel, explorando os seguintes aspectos: Como é o movimento de quem pinta? Como são as pinceladas, há tensão ou relaxamento? O movimento é rápido, lento, superficial ou busca aprofundar. Chega a “ferir” o papel? Reflete caos ou é ordenado?

A pintura tem um ritmo que pode ser calmo, inerte, agitado, agressivo, harmonioso. Reflete coesão ou fragmentação. E a direção, percebe-se que há pinturas divergentes, convergentes, concêntricas, irradiantes, verticais ou horizontais. Por vezes não se limitam e não cabem no papel ou se encolhem em algum canto dele, centralizadas ou não.

A dimensão e proporção das formas são eloquentes, assim como o aspecto anguloso ou arredondado. Há uma forma única? Os limites são claros e bem definidos ou há fluidez e indefinição? Há simetria?

Também o uso do papel deve ser verificado. Há espaços vazios? Onde se localizam? É válido virar a folha para coletar mais dados.

A cor nos fala da falta, quando as cores são apagadas, ou do excesso, quando estão saturadas. Da vitalidade, da riqueza de cores e tons ou da economia e monocromática. Podem variar com a quantidade de água utilizada, densa ou fluida. Criar contrastes, fronteiras e limites. E a luminosidade?

Um aspecto relevante é se há diálogo entre as cores, as cores primárias que constituem o círculo de cores da Logoarte geram cores secundárias? Há verdes, alaranjados e roxos?

Percebemos que a análise se baseia no que podemos efetivamente ver. No entanto, podemos criar algumas relações como: Se tal pintura fosse uma estação do ano, qual seria? Qual hora do dia ou da noite? Qual período da vida?

Nela podemos perceber quais elementos? Terra, fogo, terra, ar? Quais reinos da natureza?

Para Steiner, o homem pode ser melhor compreendido pelos temperamentos, que são quatro: Fleumático, Sanguíneo, Colérico e Melancólico. Também eles contribuem muito para as relações que auxiliam na análise das pinturas, de forma profunda e complexa.

A leitura das pinturas pode acontecer com a participação do paciente, que também pode e deve observar e comentar, e o aspecto crucial desta etapa é a identificação daquilo que se repete. Qual é a repetição acentuada que ocorre nas diferentes pinturas da mesma pessoa? Qual é a hiperintenção recorrente? Localizado o padrão, podemos sugerir que a pessoa identifique o que ele representa em sua própria história, e então perguntar:

Está coerente com o sentido que atribui a sua vida?

O que você gostaria de mudar? O que quer manter?

Como podemos transformar?

E assim, na própria pintura que revelou o padrão identificado, ou em outra experiência, tentaremos quebrar tal padrão e sugerir um novo agir, capaz de

transformar a pintura que porta as questões psíquicas e, conseqüentemente, tocá-las e modificá-las.

Logoarte – Novo Agir

A psiquiatra Nise da Silveira (1906-1999), fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952, e da Casa das Palmeiras, em 1956, recebia egressos de instituições psiquiátricas, em regime de externato, e lá os tratava com oficinas de artes e atividades expressivas baseadas na psicologia junguiana. Ela dizia que o inconsciente é o ventre escuro que aconchega, mas todo ventre tende a parir. E ainda que a consciência nasça do inconsciente, ele é mais rico e complexo. Guarda nossas memórias, vivências, habilidades, nossa imaginação, fantasias e pensamento que muitas vezes não foram elucidados pela consciência que é limitada pelo pragmatismo e se ressentida das fixações funcionais que nos limitam, pois criam um padrão de pensamento e conseqüentemente de comportamento.

Nise pesquisou a relação de pacientes com distúrbios mentais com os desenhos e as pinturas e comprovou, após sua vasta experiência, que a atividade pictórica é capaz de expressar as mais profundas emoções humanas, geralmente acomodadas no inconsciente.

Consideramos os pressupostos de Nise para ratificar a importância das produções propostas em aquarela e compreender a vastidão e a delicadeza do terreno que exploramos quando aplicamos a Logoarte. Trata-se, portanto, de uma empreitada que demanda muita concentração, cuidado e empatia.

A linguagem abstrata é capaz de dar forma aos segredos pessoais e satisfazer a necessidade de expressão, sem que estes segredos sejam devassados ou revelados ao espectador. Como não estão comprometidos com uma representação objetiva, possuem uma liberdade para improvisar e criar suas próprias estratégias para revelar paisagens interiores que se comunicam com o fruidor como inconscientes que dialogam, mas, principalmente, auxiliam nosso autoconhecimento, pois os elementos inconscientes plasmados e concretizados diante de nossos olhos nos permitem uma interação

inconsciente/consciente: uma análise do “Invisível que se torna visível” KLEE, P. As artes plásticas auxiliam na organização do tumulto que nossos pensamentos e emoções configuram, em geral, de forma abstrata, pois os conteúdos internos entram em intensa atividade e possuem uma forte carga energética que subverte a ordem espacial estruturada e padronizada pelo consciente.

O arte-educador Herbert Read (1893-1968) afirma que a arte é um instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois revela ao homem aquela parte que o psiquiatra suíço Carl Jung (1875-1961) denomina de *sombra*, que designa a metade escura e nem sempre aceita de nossa personalidade, muitas vezes o avesso do que apresentamos ao mundo. Do ponto de vista junguiano, a *persona* é nosso personagem social e corresponde à nossa máscara social, enquanto a *sombra*, que nos constitui e nos afeta de múltiplas maneiras, abriga os conteúdos reprimidos, desconhecidos, adormecidos e ocultados. Assim quando vamos propor alterações nas aquarelas, durante ou após o processo, devemos sugerir e consultar aquele que está submetido às práticas da Logoarte. O autor das pinturas deve consentir e concordar com nossas orientações para quebra de padrões e suas consequentes transformações.

Como seriam tais propostas? Elas devem se basear naquilo que observamos: se o padrão está na densidade do pigmento, cores saturadas, podemos propor que a tinta seja mais líquida, fluida. Se percebemos a fixação por uma mesma cor, alteramos a paleta de cores. Quando as cores não dialogam nem originam novas opções, orientamos nesta direção. Caso haja limites muito definidos e muito contraste, podemos estabelecer mais diálogo entre as cores e tornar as passagens mais gradativas.

A colocação do papel, a direção da pintura, as formas apresentadas, a dimensão, os excessos e as faltas são pontos a serem observados e sugestões para alterar os possíveis padrões.

Se nos remetemos aos pontos observados, veremos que eles nos guiam para as propostas de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenhar e pintar são atividades constantes em minha trajetória pessoal e profissional. Iniciei a formação em Logoarte com o intuito de conhecer novas abordagens que acionem o potencial criativo nas atividades pictóricas e o que percebi foi bem além disso.



Imagem 1



Imagem 2

Como experimento pessoal, analisando os exercícios em aquarela propostos por Marianne, foi inevitável dar vazão às inúmeras figuras que surgiram dos borrões de tinta, exatamente como propunha o psiquiatra e psicanalista suíço Hermann Rorschach (1884-1922) em seu [teste projetivo](#) ou [teste da mancha de tinta de Rorschach](#). Todas as imagens disponíveis neste artigo foram feitas por mim, no decorrer do curso de Logoarte. Foi praticamente impossível deixar de interferir nas aquarelas, especialmente nas que utilizaram o círculo das cores. Ao apresentá-las para o grupo, que automaticamente reage com comentários não fenomenológicos, Marianne alertou-me para a diferença na qualidade das duas imagens aqui apresentadas, e neste ponto sinto que avancei e vi os conhecimentos em Logoarte se estruturarem. Evitando juízo de valor,

compreendi que na Imagem 1 a ideia se sobrepõe à pintura como se impusesse-se ao fundo. Comparando com os corpos do homem de Steiner, é como se o Eu chegasse antes dos corpos físico, etérico e astral ou, para Frankl, como se o corpo noético saltasse sobre o somático e o psíquico. Na Natureza, seria algo como o reino humano se formar antes dos reinos mineral, vegetal e animal; a noite saltar o entardecer, o verão se transformar em inverno sem passar pelo outono.

Já a Imagem 2 surge na direção inversa, de dentro para fora. É o fundo, o contexto, a atmosfera, os encontros entre as cores, que se adensam e desenham a figura que aparece integrada, equilibrada e plena. Para mim foi uma experiência inovadora. Refrear a ideia e ouvir o contexto.

Percebi minha tendência de racionalizar e definir, sem aguardar que o contexto se configure, desconsiderando os diferentes ritmos das forças, externas a mim, mas igualmente envolvidas. Localizei o padrão a ser quebrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 1946

HAUSER, Ana. **A linguagem plástica do inconsciente**. São Paulo: Ática, 1994.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

JUNG, Carl G. **El Hombre y sus símbolos**. Madrid: Aguilar S.A. edición, 1974.

KANDINSKY, Wassily. **Point, ligne, plan; contribution a l'analyse des éléments picturaux**. Paris: Denoel / Gon thier, 1970.

KLOPFER, B. & DAVIDSON, H. H.. *Das Rorschach-Verfahren: Eine Einführung*, 2. Aufl. Bern: Huber. (Original em inglês: **The Rorschach technique: an introductory manual**. New York: Harcourt, Brace, Jovanowich) 1971

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 11. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013

PRADO, Marianne da Silva .**Logo Art**. Sidottu, Suomi, 2006

SILVA, Edson Rosa da. **Malraux e o diálogo das artes**. In VAZ, Paulo Bernardo e CASA NOVA, Vera. *Estação imagem*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Ahramba, 1981.

SONTAG, Susan. **Against interpretation**. Hed, New York: Dell, 1979.

STEINER, Rudolf. **A arte da educação: o estudo geral do homem, uma base para a pedagogia Waldorf**. Vol. 1. 4ª. ed. São Paulo: Antroposófica, 2008.

_____. **A arte de educar baseada na compreensão do ser humano**. Sete palestras proferidas em Torquay, Inglaterra, 1924. GA 311. Trad. Maria do Carmo Lauretti. 1. ed. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2005.

_____. **A arte da educação: o estudo geral do homem – uma base para a pedagogia**. São Paulo: Antroposófica, 2003.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução de Ana Maria Rabaça e Luiz Felipe Silva Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 1982. **p. 277-80**

Selma Bajgielman

Mestre em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso, Especialista em Arteterapia na Educação e Graduada em Pedagogia pela UNINCOR – MG. Frequentou a Escola de

Artes Visuais-EAV, RJ. Professora no Curso de Pedagogia na UNIPAC – MG e coordenadora pedagógica. Pesquisa a produção gráfica de professores e alunos. Publicou quatro livros de literatura infantil, produzindo texto e ilustração.